



série

Para quem não vai ser...

Por curiosidade. Por desejo de aprimorar seus conhecimentos. Porque se é estudante de uma área que inclui a disciplina no currículo. Muitos podem ser os motivos que farão essa coleção fazer parte de suas próximas leituras. A série *Para quem não vai ser* se destina a todos aqueles que querem ou precisam entender certas áreas de conhecimento. Assim, Antropologia, Filosofia, Sociologia, Psicologia, Contabilidade, Arquitetura e Nutrição, dentre outras, serão apresentadas com linguagem clara, abordagem leve, como se fosse uma conversa em que alguém-que-é-muito-especializado fala a alguém que quer ter uma boa introdução e uma boa visão geral, podendo situar-se, compreender e ter pistas de como avançar naquele campo. Até mesmo profundos conhecedores se beneficiarão. E os professores encontrarão na série *Para quem não vai ser* um excelente apoio a cursos introdutórios.

ISBN 85-86225-41-X



9 788586 225413

[www.tomoeditorial.com.br](http://www.tomoeditorial.com.br)

Rafael José dos Santos

Antropologia para quem não vai ser antropólogo

# Antropologia para quem não vai ser antropólogo

Rafael José dos Santos

TOMO  
EDITORIAL



### Agradecimentos

*Este livro não teria sequer razão de ser se não fosse pelos alunos e alunas de vários cursos, com quem já tive o prazer de trabalhar, tanto em salas de aula como em orientações de trabalhos, não apenas falando sobre Antropologia, mas também sobre Sociologia e outras disciplinas. A todos e todas um "muito obrigado" especial.*

*Há também um número muito grande de amigos, amigas, muitos deles colegas de ofícios – professores de várias áreas, alguns antropólogos, meus professores. Não conseguiria agradecer nome por nome, mas sei que todos eles irão reconhecer-se em minha gratidão.*

## Sumário

Apresentação – Para que serve estudar antropologia? .....	7
Prazer em conhecer .....	11
I O que é, como surgiu? .....	17
1. O que é Antropologia? .....	17
2. Como surgiu? Um pouco de história .....	19
3. Evolucionismo Social e Positivismo, Meio e Raça .....	22
3.1 Evolucionismo Social .....	22
3.2 O Positivismo .....	23
3.3 Meio e Raça .....	27
4. Etnocentrismo .....	34
II E as visões foram mudando.....	37
1. O trabalho de campo: o antropólogo "dança com lobos" .....	37
2. Enquanto isso, na França .....	42
III O olhar antropológico .....	53
1. Tão diferentes, tão iguais: somos todos "tribais" .....	53
2. A experiência da pesquisa: o "estar lá" .....	64
Concluindo ou, quem sabe, começando... ..	69
Referências .....	71
Anexo I	
Código de Ética do Antropólogo .....	74
Anexo II	
Antropologia na Internet .....	75
Índice Remissivo .....	76

Para quem se interessar pelo assunto recomendo as leituras de *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim* (ACHUTTI, 2004) e *Desafios da Imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais* (FELDMAN-BIANCO e LEITE, 1998). Sugiro também assistir alguns vídeos etnográficos, e há muitos disponíveis, como *Alcântara: Terras de Quilombo, uma dívida histórica*, de Murilo Santos e os filmes da coleção *Cinema & Antropologia*, coordenada por Clárisse Ehlers Peixoto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

## 2. A experiência da pesquisa: o “estar lá”

A pesquisa antropológica caracteriza-se por ser “qualitativa”. Menos que os dados de “quantidade” – obtidos diretamente pelo emprego de questionários fechados ou indiretamente através de consultas a bancos estatísticos, interessam ao antropólogo as narrativas, as histórias de vida, os dados da observação direta do cotidiano. É bom ressaltar que os dados quantitativos – mais utilizados pela sociologia – podem cumprir um importante papel no momento em que o antropólogo senta-se à sua escrivaninha, seja para planejar seu trabalho ou para analisar seu material de pesquisa. Existem muitos cientistas sociais, inclusive, que associam a sociologia e a antropologia em seus trabalhos, mas os procedimentos qualitativos permanecem sendo a marca registrada da Antropologia. Há um excelente livro sobre isso: *A Arte de Pesquisar*, da antropóloga Mirian Goldemberg (1999).

Na maioria dos casos, conseguir chegar aos dados desejados depende basicamente do fato de o pesquisador “estar lá”, onde a cultura é vivida em sua dimensão concreta, no cotidiano das pessoas. Trata-se da boa e velha etnografia. Em outros casos o antropólogo não se envolve diretamente com populações ou lugares, mas volta seu olhar para artefatos da cultura: cinema, televisão, revistas, literatura, música, arquitetura, relatos históricos, fotografias, anúncios publicitários...

os, enfim, poderíamos enumerar tantos exemplos quantas são as coisas que os seres humanos produzem.

E o que o antropólogo faz quando está “lá”, onde as coisas acontecem? Em que consiste o trabalho de campo (o *fieldwork*). Felizmente, ao contrário dos experimentos em laboratórios, não existem receitas, procedimentos absolutamente prontos. As técnicas de pesquisa dependem muito do que desejamos estudar. Algumas vezes, para definir os instrumentos que iremos utilizar, temos que ir a campo várias vezes, voltar para nossas mesas e bibliotecas, pensar, para só então definir como iremos trabalhar.

Uma vez “em campo”, notamos que estamos fazendo um tipo de pesquisa muito diferente de qualquer outra, pois como lembra François Laplantine, trata-se da “observação direta dos comportamentos sociais a partir de uma relação humana” (1994, p. 149). Vamos sublinhar isso: “uma relação humana”. A primeira exigência, portanto, é a postura de respeito pelas pessoas com quem estamos desenvolvendo nosso trabalho, o que nos obriga a lidar com nosso etnocentrismo. Somos todos “ouvidos” e “olhos”, não estamos lá para discutir ou debater as idéias, valores, os estilos-de-vida ou convicções políticas das pessoas.

Lidar com nosso etnocentrismo é algo difícil, já discutimos isso, mas é condição para, à medida que nosso convívio com o grupo vai aumentando, tentar entender como os membros do grupo entendem e explicam as coisas, aquilo que alguns antropólogos chama de discurso “nativo” (esse “nativo” pode referir-se a uma tribo indígena, a um grupo de executivos, aos membros de uma igreja, enfim). É como se, em sala de aula, o estudante deixasse sua carteira e ficasse lá na frente, no lugar do professor, olhando a sala sob a perspectiva deste. Ou vice-versa, se o professor sentasse entre os alunos e alunas durante a aula de um colega. Aos poucos, progressivamente, esse professor ia começar a notar as coisas que acontecem ali “atrás”: bilhetinhos trocados, códigos, gírias, dificuldades, problemas no trabalho, cansaço...

Note que eu disse “progressivamente”, pois não há como aprofundar uma relação humana em um dia. Por isso o trabalho de campo, a etnografia, normalmente demanda um certo tempo, não só porque há muito que estudar, mas também porque é necessário estabelecer uma confiança mútua entre pesquisador e pesquisados. São muitos os relatos de aproximação, de inserção de antropólogos em campo. Apenas a título de exemplo, reproduzo aqui um trecho escrito por Anthony Seeger (1980, p. 31) sobre sua experiência nos anos 70 entre os Suyá, um dos povos que vivem no Parque Nacional do Xingu. A citação é longa, mas vale a pena:

Começava então o sutil adestramento do antropólogo como pescador e caçador, pois nos dariam cada vez menos alimento da panela comum até que eu começassem a pescar, quando então nos dariam mais, mas a porção seria novamente diminuída quando me ocupasse de outras coisas que não a subsistência. Depois de certo tempo, ficou claro que, para permanecer e sobreviver, teria de participar na coleta de alimento, muito mais do que pudera imaginar. Tomava parte em quase todas as caçadas coletivas e expedições de pesca durante os primeiros meses, e também pescava por minha conta, geralmente como companhia para um menino de dez anos que pescava muito melhor que eu, mas que sofria de convulsões e necessitava de um companheiro para impedir que caísse da canoa. Éramos ambos monolíngües<sup>3</sup> no início, e já que caçar e pescar são coisas

3  
Monolíngües: cada um falava apenas uma língua: a sua.

sérias, e não atividades loquazes, eu voltava para casa exausto, maldizendo o dia em que decidira trabalhar com um grupo que não possui economia monetária, e sentia como se não estivesse realizando coisa alguma. Os longos dias no rio e na floresta contribuíram fundamentalmente para minha compreensão dos Suyá, mas isso não parecia nada evidente nos primeiros meses de nossa estada.

O interessante no trecho de Seeger é a idéia de “adestramento do antropólogo”, ou seja, uma espécie de “treinamento” ao qual os Suyá submetem o pesquisador que se propunha a viver com eles durante um certo tempo. Eis aí

Malinowski e sua “observação participante”, onde nem tudo é romântico, simples e divertido. Imaginem uma pessoa acostumada com a vida urbana, com o trabalho na universidade, aprendendo a caçar e pescar para sobreviver! Ao que parece, os primeiros meses foram difíceis, e o antropólogo chegou a ficar aborrecido (e cansado). Entretanto, participar do cotidiano dos Suyá foi algo importante para que Seeger pudesse ter alguma “compreensão” sobre eles. E todo o processo demorou algum tempo, foi uma aproximação progressiva que lembra um pouco aqueles compartimentos que os mergulhadores utilizam nos submarinos: eles entram, tranca-se a porta, o compartimento vai se enchendo de água e o mergulhador vai se acostumando com a nova pressão, o novo ambiente. Dali ele sai para o mar, e quando volta passa pelo processo inverso. Se você preferir um exemplo mais antropológico, poderíamos dizer que o próprio antropólogo submete-se a um “rito de passagem” ao entrar em campo.

Um outro aspecto importante do trabalho de pesquisa é o “olhar” – você já deve ter notado como essa palavra aparece bastante neste livro, mas a Antropologia está intimamente ligada ao “olhar”, você também já deve ter chegado a essa conclusão.

Quando preparamos um trabalho de campo temos em mente alguma questão teórica: mudanças culturais, relações de gênero, manifestações religiosas, representações sobre o corpo e muitas outras. Entretanto nosso “olhar” em campo não se direciona diretamente para aquilo que desejamos estudar: “No campo, tudo deve ser observado, anotado, vivido, mesmo que não diga respeito diretamente ao assunto que pretendemos estudar”, ensina Laplantine (1994, p. 156). Qual a razão dessa postura?

A Antropologia não tem como objeto fatos sociais que possam ser completamente isolados de outros. Lembre-se de Marcel Mauss e do “Fato Social Total”. Quando um antropólogo vai, por exemplo, a uma empresa para estudar os hábitos, valores, enfim, a cultura que se manifesta ali, ele não

ficará restrito ao comportamento dos funcionários durante o trabalho ou ao que eles dizem durante as entrevistas. O modo de eles arrumarem suas mesas – se colocam sobre elas fotografias de família ou de cães de estimação, as roupas que usam, as conversas informais nos corredores, na hora do cafezinho – tudo constituirá material importante. Muitas vezes, um quadro em uma parede pode ter uma *significação* para a pesquisa. Por isso a insistência dos antropólogos nos detalhes.

A visão de *totalidade*, como dizemos em Antropologia, é um aprendizado dos tempos em que se estudavam apenas pequenas tribos, nas quais o aspecto religioso não podia ser entendido separadamente do artístico, do político ou do econômico. Na sociedade contemporânea as várias dimensões da vida aparecem separadas. Note bem, elas *aparecem*, ou seria melhor dizer que elas *parecem* separadas. Você lembra do exemplo da troca de presentes no Natal?

O “olhar antropológico” efetua um movimento de vai-e-vem, do menor para o maior, do particular para a totalidade. A novena do santo padroeiro de uma cidade, com quermesse todos os dias e uma grande missa com procissão e festa no final, não é apenas uma manifestação religiosa: ela (a) parecerá religiosa, mas revelará em seus detalhes e minúcias muitas coisas sobre a vida da cidade.

Independente do curso, da faculdade que você frequenta, um exercício de trabalho de campo pode ser uma experiência e tanto. Do ponto de vista prático, um gravador, um pequeno caderno para anotações, que chamamos de “diário de campo”, talvez uma câmera fotográfica ou até uma filmadora, além, é claro, da orientação do professor ou da professora.

Mas note que o “estar lá” implica o estabelecimento de uma relação com as pessoas das comunidades ou grupos estudados, exigindo do antropólogo, além dos procedimentos metodológicos, uma postura ética. Ao final do livro você encontrará o *Código de Ética do Antropólogo*, divulgado pela Associação Brasileira de Antropologia (Anexo I). Trata-se de

um documento que revela o compromisso do fazer antropológico com os grupos estudados e ressalta os direitos destes grupos, entre eles o de saberem que estão sendo pesquisados, quais os motivos da pesquisa e quem é o pesquisador, mesmo porque eles podem não querer participar dela.

Em Antropologia não escondemos gravadores nem câmeras, como em algumas práticas jornalísticas, como lembra Achutti ao referir-se à prática das “fotos roubadas” (2004, p. 118). Trabalhamos com as pessoas do grupo, não sobre elas, e quem já esteve em campo sabe o quanto devemos a elas.

### **Concluindo ou, quem sabe, começando...**

Todo final de livro pode ser apenas uma conclusão, mas pode também ser o início de novos caminhos. Se você teve a paciência de chegar até aqui, já conseguiu ter uma visão panorâmica da Antropologia, quem sabe até já está começando a ver o mundo com aquele “olhar” antropológico do qual falamos tanto.

A Antropologia é bem mais do que foi apresentado para você aqui e, caso você tenha interesse em saber mais, tenho certeza de que seu professor ou sua professora estarão prontos para auxiliar. E, é claro, você pode também ser um antropólogo profissional, e nem precisa mudar de curso. No Brasil, os antropólogos formam-se não apenas nos cursos de graduação em antropologia ou ciências sociais. Muitos se formam em faculdades as mais diversas, depois optam pela antropologia em suas especializações, mestrados e doutorados. Outros permanecem na carreira escolhida, mas utilizam a antropologia em seu trabalho.

De qualquer maneira a antropologia terá sempre algo a lhe dizer, e sabe por quê? Porque, antes de ser estudante dessa ou daquela área, você está inserido em um universo cultural e é cidadão em uma sociedade que está todos os dias